

AS LIÇÕES DE ARQUIVÍSTICA
DO PROF. BAUTIER
NO CURSO DE BIBLIOTECÁRIO-ARQUIVISTA

Palavras de apresentação, pelo
director do Curso, Padre Doutor
Avelino de Jesus da Costa,
na lição inaugural

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no senti-
do de promover a valorização do seu curso de Bibliotecário—Ar-
quivista, está actualmente a proceder a uma grande remodelação.
Dentro desse plano, encarou a efectivação de uma série de peque-
nos cursos, de umas tantas lições, realizadas por técnicos na-
cionais e estrangeiros. Assim, de 8 a 30 de Janeiro p.p., o
Prof. Robert-Henri Bautier, da École Nationale des Chartes de
Paris, do Stage International des Archives e secretário da re-
vista Archivum, proferiu oito lições sobre arquivística, subor-
dinadas aos seguintes temas: I - Definições, princípios: evolu-
ção recente. O direito internacional dos arquivos; II e III - Ar-
quivos e administração: as grandes linhas da organização contem-
porânea dos arquivos nalguns países; IV - Ordenação, selecção e
eliminação; V e VI - Elaboração de instrumentos de trabalho: di-
ferentes tipos de instrumentos de trabalho utilizados nos vá-
rios países; VII - Instalações técnicas: microfilmagem, preserva-
ção, restauração. Arquivos sonoros e visuais; VIII - Os arqui-
vos não-públicos: arquivos religiosos, familiares e económicos.
Conclusão: as novas tarefas dos arquivistas. A colaboração in-
ternacional em matéria de arquivos.

As lições do Prof. Bautier, que foram gravadas e distribuídos os respectivos resumos, caracterizaram-se pela clareza e profundidade da exposição. No final de cada uma delas estabeleceram-se debates, nos quais intervieram bibliotecários e arquivistas de Lisboa, Porto e Coimbra. A Companhia Eléctrica das Beiras convidou também o Prof. Bautier a proferir ali uma palestra, em 28 de Janeiro, na qual este eminente arquivista tratou dos Arquivos de Empresa. O Prof. Bautier concedeu ainda à Emissora Nacional uma entrevista sobre as suas impressões de Portugal e sobre a missão do arquivista na vida moderna.

A magnífica iniciativa da Faculdade de Letras e do seu Director, Doutor Costa Pimpão, merece rasgados elogios, pois, assim, proporcionou-se uma maior transmissão de conhecimentos a todos os bibliotecários e arquivistas portugueses. Proximamente, serão anunciadas novas séries de lições a cargo de técnicos nacionais.

Antes de se iniciar a primeira lição, no dia 8 de Janeiro de 1964, o Director do Curso de Bibliotecário-Arquivista, Padre Doutor Avelino de Jesus da Costa, proferiu as seguintes palavras, que são do maior interesse e actualidade, e CADERNOS ficaram-lhe muito gratos pela gentileza em haver autorizado a sua difusão:

"Exm.º Senhor Director da Faculdade de Letras
Exm.º Senhor Professor Robert-Henri Bautier
Senhores Professores, Senhores Bibliotecários e Arquivistas:

Estas palavras de introdução às lições de Arquivística que

vai dar-nos o Sr. Prof. Bautier não deviam ser ditas por mim, mas pelo Sr. Prof. Doutor Torquato de Sousa Soares, por ter sido até há pouco Director do Curso de Bibliotecário-Arquivista e principalmente por hoje se começar a concretizar em consoladora realidade um anseio e um projecto que Sua Ex.^a acalentava há annos, ou seja, o de convidar eruditos portuguezes e estrangeiros a vir dar lições sobre matéria da sua especialidade aos alunos deste Curso, a fim de valorizar a sua preparação técnica.

Tendo, contudo, de ser eu a proferir estas palavras, deixo de parte as bibliotecas, de que oportunamente tratará o Sr. Dr. Jorge Peixoto, para me limitar a ligeiras referências aos nossos documentos e arquivos.

Se é certo que sem documentos não há História, não é menos verdade que sem arquivos organizados não há documentos ou, se os há, é praticamente quase como se não existissem, uma vez que não são utilizáveis.

Documento e arquivo são, portanto, duas realidades inseparáveis e de transcendente importância não apenas para a História propriamente dita mas para todos os ramos da actividade humana.

É que, havendo arquivos organizados, "l'historien, diz o Prof. Bautier, peut travailler sur un terrain solide et, dès lors, l'histoire peut être écrite scientifiquement sur les documents et non plus reconstituée par voie de conjectures" (1).

Mas, para prestar tão altos serviços, o documento e o ar-

(1) - Encyclopédie de La Pléiade - L'Histoire et ses méthodes, p. 1120.

quivo têm de ser tratados com um interesse e carinho que, entre nós, ainda não conseguiram, infelizmente, despertar no público nem mesmo em certas autoridades responsáveis.

Os documentos são, com efeito, para muita gente, inclusive para alguns funcionários públicos, material inútil que, terminada a sua função administrativa, se deita fora ou, na melhor das hipóteses, se empilha em arrecadações, onde a humidade, a traça e os ratos se encarregam de lhe fazer o enterro.

Assim, têm desaparecido colecções do maior interesse histórico. Só três casos, como exemplo: 1) As colecções mais valiosas do antigo arquivo da Câmara Eclesiástica de Braga foram vendidas a peso à Fábrica de papel de Ruães, em 1911, pelo advogado que presidia à Comissão administrativa dos Bens da Igreja (1); 2) O antigo arquivo da Alfândega de Viana do Castelo foi vendido, em 1922, ao fogueteiro Castro da mesma cidade; 3) O falecido secretário da Câmara do Sardoal vendeu também o respectivo arquivo.

Como estas, quantas outras colecções documentais não têm desaparecido ou estão em risco iminente de desaparecer em mãos de particulares e em repartições que desconhecem o seu verdadeiro valor!

Embora pareça estranho, há ainda verdadeiras preciosidades em casas particulares, em repartições; nos cartórios de extintas confrarias, misericórdias, etc.

Na posse de um particular e em riscos de passar para o es-

(1) - ALBERTO FEIO, O Arquivo Distrital de Braga, em "Boletim da Bibl. Públ. e do Arq. Dist. de Braga", I, p. 111-112.

trangeiro, encontrei há anos uma colecção de 112 documentos que haviam pertencido à Colegiada de Guimarães. Graças à colaboração do Sr. Arcebispo de Braga e dos Profs. Doutores M. Lopes de Almeida e Torquato de Sousa Soares, consegui adquirir para o Arquivo da Universidade de Coimbra essa valiosa colecção, cujo original mais antigo é uma doação do conde Gonçalo Mendes, do ano 983 (1).

Urge, portanto, fazer-se o inventário destes documentos dispersos, promovendo a sua entrada nos arquivos do Estado ou acautelando-os, pelo menos, devidamente, para evitar novas e irreparáveis perdas.

O número de arquivos oficiais tem aumentado, sobretudo depois do Decreto-Lei n.º 19 952, de 27 de Julho de 1931, havendo-os nacionais, distritais e municipais, além dos pertencentes aos diversos Ministérios e a repartições públicas.

Exceptuando, porém, o da Universidade de Coimbra, com instalações novas e modelares, os de Braga, Évora, Viseu, dos Ministérios das Obras Públicas e do Ultramar e alguns outros, que estão em edifícios antigos mas devidamente remodelados, os restantes têm instalações muito deficientes, incluindo a própria Torre do Tombo, não obstante ser o nosso principal arquivo e um dos mais importantes da Europa.

Há alguns em completo abandono e até a ameaçar ruína, como tive ocasião de verificar, quando, com uma credencial do Instituto de Alta Cultura, consegui penetrar no interior de quase to

(1) - P.e A. DE JESUS DA COSTA, Documentos da Colegiada de Guimarães, em "Rev. Port. de História", III, p. 561-589.

dos os arquivos portugueses.

Quanto aos arquivos municipais, pode dizer-se que, tanto por falta de instalações adequadas como por deficiência de pessoal técnico, a sua existência é pouco mais que nominal, exceptuando os de Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Guimarães e alguns outros. E é pena, porque Câmaras há, como as de Loulé, Ponte do Lima, Torre de Moncorvo, Vila do Conde, que guardam ainda documentos antigos e de muito valor.

Para remediar esta triste situação, temos de promover uma campanha no sentido de conseguir que, a exemplo do que se passa nos outros países, o próximo plano de fomento inclua a construção de diversos arquivos históricos e administrativos, dotados de convenientes instalações e com capacidade para fazer face ao extraordinário aumento das encorporações.

Devem construir-se também arquivos-depósitos, onde se possa recolher a mole imensa da moderna documentação administrativa que, terminados os prazos legalmente estabelecidos, terá de ir sendo eliminada em parte, entrando a restante nos arquivos históricos.

:

Se das instalações passarmos à organização dos arquivos, maiores são ainda as deficiências.

Em alguns, como na Torre do Tombo e em Braga, continuam a utilizar-se com proveito os índices do século XVIII, que ainda hoje podem causar inveja a vários arquivos estrangeiros.

Desde então, tem-se trabalhado, evidentemente, na organização dos arquivos e na elaboração dos instrumentos de investigação

ção — ficheiros, guias, inventários, índices, catálogos e em várias publicações que todos nós conhecemos.

Temos, porém, de confessar que nesta matéria estamos atrasadíssimos — o Guia geral dos arquivos portugueses, há tanto tempo prometido, não aparece; não há inventários que abranjam todos os fundos dos nossos grandes arquivos; faltam os guias por assuntos, à semelhança do Guide des sources de l'histoire économique médiévale, da autoria do Prof. Bautier.

Em muitos arquivos há ainda importantes núcleos completamente desconhecidos do público!

Nem me quero recordar da vergonha que senti no Stage International d'Archives, em Paris, quando, na presença de arquivistas de diversas nacionalidades e diante duma imensidade de inventários e de outros instrumentos de trabalho de quase todos os países da Europa e da América, me perguntaram: "Quando é que em Portugal se resolvem a publicar inventários dos seus arquivos?"

Esta triste situação não pode continuar e é urgente que cada arquivo dê a conhecer ao público as riquezas que nele se guardam, a fim de poderem ser aproveitadas pelos investigadores.

Além da elaboração dos instrumentos de trabalho, pertence aos arquivistas preparar a edição de textos e de fontes históricas, tendo de prestar neste campo íntima colaboração à Academia das Ciências e à Academia Portuguesa da História, para poderem levar a cabo os Portugaliæ Monumenta Historica, os Documentos Medievais Portugueses e outras colecções que venham a editar-se.

Os progressos técnicos e as exigências da vida moderna cri-

garam a ampliar muito o conceito e as funções dos arquivos, que, além do tradicional documento escrito, passaram a abranger os documentos impressos, os sonoros e os visuais, com discos, filmes, microfilmes, fotografias, etc.

Exigem-se também, pelo menos nos grandes arquivos, instalações para microfilmagem e reprodução e para restauro dos documentos e dos selos.

Além disso, os arquivos não podem ser tesouros encantados com os documentos fechados a sete chaves nem muito menos cemitérios onde a documentação durma em eterno sono. Não falando nas facilidades de consulta a conceder a todos os investigadores (e seria até para desejar a consulta guiada, a exemplo do que já se faz no estrangeiro), os arquivos têm de organizar museus e exposições documentais que interessem e elucidem o público.

Mais ainda, os arquivos devem organizar serviços educativos nos meios escolares, a principiar pelos liceus, tornando vivo o ensino da história pela apresentação e explicação dos principais documentos em que ela se baseia.

Os arquivos do Estado e respectivos funcionários, em vez de continuarem a fechar-se dentro das suas quatro paredes, devem orientar as outras repartições, para estas, que não tem pessoal técnico, organizarem devidamente os seus arquivos, orientando sobretudo os trabalhos das incorporações, para evitar que estas entrem em desordem nos arquivos distritais, complicando assim a futura catalogação. Papel semelhante devem desempenhar junto das empresas agrícolas, bancárias, comerciais e industriais, cujos arquivos adquirem de cada vez maior interesse para a his-

tória económica. Actuação idêntica se exige nos arquivos particulares, e há-os riquíssimos, como o da Casa Cadaval.

:

Sendo tão vasta e complexa a missão dos arquivos, **requer-se**, conseqüentemente, um grande número de arquivistas que, além da sua especialização técnica, tenham uma vasta cultura e uma verdadeira dedicação pelo seu múnus, transformando-o quase num verdadeiro sacerdócio.

Já vai, felizmente, desaparecendo o falso conceito de que o bibliotecário e sobretudo o arquivista era um falhado na vida, que tinha enveredado por esta profissão por não encontrar outra saída.

Os nossos bibliotecários e arquivistas têm dado sobejas provas da sua competência e dedicação e mostraram-no mais uma vez no recente V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros tanto pelo alto nível das suas comunicações e intervenções na VIII Secção como pela exposição bibliográfica que na altura realizaram.

Mais uma prova dessa competência e dedicação têmola nos **CADERNOS DE BIBLIOTECONOMIA E ARQUIVISTICA**, que em breve passarão a revista periódica que honrará Portugal ao lado das revistas estrangeiras congêneres.

Essá mesma dedicação levou-os a aceitar com alvoroço o projecto de reorganização do Curso de Bibliotecário-Arquivista e estas lições do Prof. Bautier.

Sendo assim, perguntar-se-á: Como se explica que o Curso seja tão pouco frequentado?

A razão — todos nós a conhecemos — é a injusta situação económica em que se encontram, com ordenados baixíssimos e não proporcionais à cultura, à especialização técnica e aos trabalhos exigidos dos bibliotecários e dos arquivistas.

Pior ainda. Esta situação económica reflecte-se, por sua vez, no ambiente social, porque repartições há em que a categoria dos funcionários é avaliada não pela cultura e habilitações de cada um mas unicamente em função dos seus respectivos vencimentos. Não admira, por isso, que ainda no ano findo um segundo-conservador de um Ministério, agora aqui presente, fosse tratado como funcionário subalterno por outros que, não tendo embora um curso universitário como ele, ganhavam, todavia, ordenados superiores.

A triste perspectiva de uma carreira que os vai lançar em deprimente situação económica e até social afasta do Curso de Bibliotecário-Arquivista a muitos que sentem verdadeira vocação para este ramo da cultura humana. Esta atitude, embora de lastimar, é perfeitamente compreensível, porque, se é certo que nem só de pão vive o homem, não é menos verdade que sem ele não pode viver.

Alguns directores de bibliotecas e de arquivos procuram atenuar o mal, permitindo-lhes trabalhar algumas horas fora da repartição. Temos, porém, de convir que esta atitude, humanamente compreensível, não remedeia o mal e que, ao fim e ao cabo, redundará em prejuízo de todos.

Os bibliotecários e arquivistas que dispersam a sua actividade não podem, com efeito, desempenhar como convém as suas fun

ções específicas, e bem complexas elas são. Chega-se até ao ponto de alguns arquivos estarem praticamente fechados ao público!

Se queremos ter um corpo de bibliotecários e de arquivistas à altura do seu espinhoso múnus, tanto em competência e dedicação como em número — e temos de o ter para as nossas bibliotecas e arquivos poderem competir com as instituições estrangeiras congêneres —, é preciso garantir-lhes uma situação económica e social compatível com a sua categoria.

Colocar os bibliotecários e arquivistas em situação económica inferior à dos professores efectivos dos liceus é flagrante injustiça.

Têm esses professores um curso universitário?

Igual curso têm os bibliotecários e os arquivistas.

Têm os professores liceais dois anos de estágio?

Pois os bibliotecários e arquivistas, contando o curso de especialização, têm dois anos e meio.

Suponho que ninguém se atreverá a dizer que a missão dos bibliotecários e arquivistas é menos importante ou de menor responsabilidade que a dos professores dos liceus.

Sendo esta a realidade, porque não pôr termo a tão flagrante e injusta desigualdade de vencimentos?

Se os responsáveis, não obstante as razões alegadas, julgarem que não são equiparáveis estas duas categorias de funcionários, equiparem então os bibliotecários e arquivistas aos técnicos que estão ao serviço do Estado, porque o Curso de Bibliotecário-Arquivista é um Curso técnico e técnicas são também as funções que aqueles desempenham.

Desculpem, Senhoras e Senhores, este desabafo, que é resultante das contínuas e justas queixas que se ouvem aos bibliotecários e arquivistas e aos alunos deste Curso.

::

Terminado este longo parêntesis, permitam-me que me dirija ao Sr. Prof. Bautier para lhe render as homenagens e vivos agradecimentos de todos nós por Sua Ex.^a se ter dignado aceitar o convite que o ilustre Director desta Faculdade lhe fez para vir dar-nos um curso de oito lições sobre Arquivística.

Podemos dizer, e sem exagero, que a fase de renovação técnica deste Curso abre com chave de ouro.

É que o Prof. Bautier é hoje um dos maiores especialistas da matéria. Membro da École Française de Roma e do Conseil International des Archives, conservador dos Archives Nationales, de Paris, e da Direction des Archives de France, o Prof. Bautier tem tomado parte activa e das mais eficazes em todos os congressos internacionais de Arquivos e tem sido secretário-geral e relator de todas as conferências internacionais da "Table ronde des Archives", missão que o trouxe à de Lisboa, em 1959.

É, desde o início, professor do Stage technique international d'Archives e secretário da redacção e um dos principais colaboradores de Archivum, revue internationale des Archives, onde tem publicado notáveis trabalhos, como Bibliographie analytique internationale des publications relatives à l'Archivistique et aux Archives, L'Activité des Archives dans le monde, Annuaire International des Archives, etc.

Faz parte das Comissões francesas e internacionais que es-

tudam os problemas da Arquivística ou publicam as "Sources de l'Histoire de France" e o "Guide des Sources pour l'histoire de l'Amérique latine", e tem percorrido em missões oficiais os mais importantes arquivos da Europa.

Em 1961, foi nomeado professor da célebre École des Chartes, onde foi reger a cadeira de Diplomática, em substituição do notável diplomata Georges Tessier, leccionando também História económica.

É vastíssima a sua bibliografia tanto sobre Arquivística e as matérias que lecciona como sobre a Economia internacional na Idade Média e a História social e Demografia.

A síntese luminosa que nos dá da história, evolução e funções dos Arquivos desde a antiguidade até ao presente no seu estudo Archives (1) e a sua reconhecida competência, são garantia segura de uma síntese igualmente luminosa sobre Arquivística, nas oito lições que nos vai dar nesta Faculdade.

Espero, Senhor Professor Bautier, que a tradicional hospitalidade portuguesa lhe vá criar entre nós um verdadeiro ambiente de família de modo que V. Ex.^a, ao regressor à França, no fim deste Curso, leve saudades nossas como nós vamos ficar com saudades suas.

Cumpr-me ainda testemunhar publicamente o nosso profundo reconhecimento ao Institut Français au Portugal e ao Instituto de Alta Cultura por terem concedido os meios indispensáveis para trazer até nós o Sr. Professor Bautier.

(1) - Histoire et Méthodes, p. 1120-1166.

E para V. Ex.^a, Senhor Professor Costa Pimpão, os nossos agradecimentos muito sinceros pelo interesse e carinho dispensados a este Curso, desde que tomou conta da Direcção desta Faculdade, com o pedido de continuar a ampará-lo de modo a poder atingir o alto nível técnico e cultural que a Nação espera dele."